

ED HINDSON
MARK HITCHCOCK

AINDA

Uma defesa

PODEMOS

exegética, teológica e histórica do

ACREDITAR NO

arrebatamento pré-tribulacionista

ARREBATAMENTO?



chamada

Isto vai trazer vibração à sua alma e bênção ao seu coração. Ele aborda as questões bíblicas, responde a perguntas difíceis e reafirma a bendita esperança de cada cristão.

Dr. David Jeremiah, *pastor sênior da Shadow Mountain Community Church, fundador e palestrante de Turning Point Ministries*

Ainda podemos acreditar no arrebatamento? é a defesa impressa mais justa e equilibrada do arrebatamento na atualidade. Ed Hindson e Mark Hitchcock apresentam uma defesa clara, concisa e crível dessa maravilhosa doutrina bíblica. Eles inspiram o leitor a amar a vinda do nosso Senhor. Não perca!

Dr. Robert Jeffress, *pastor da Primeira Igreja Batista de Dallas, TX*

Numa era em que se tornou absolutamente comum falar do arrebatamento como sendo uma ideia recente que prescinde de raízes bíblicas e leva a um menor engajamento com o mundo real, Mark Hitchcock e Ed Hindson fazem uma análise bíblica mais profunda da doutrina e das objeções levantadas contra ela. Este livro está repleto de cuidadosas observações históricas, bíblicas e teológicas a respeito do pré-tribulacionismo. É um livro que não deve ser deixado para trás!

Darrell L. Bock, *diretor executivo de engajamento cultural e professor sênior de pesquisa em estudos neotestamentários do Dallas Theological Seminary*

Li vários livros úteis sobre o arrebatamento, mas este aqui está no topo da lista. Mark Hitchcock e Ed Hindson apresentam uma convincente defesa exegética, teológica e histórica em favor do arrebatamento pré-tribulacional.

Michael J. Vlach, *professor de teologia do The Master's Seminary*

Esta é uma pergunta de vital importância sobre um assunto-chave para os cristãos: ainda podemos acreditar no arrebatamento? Sou grato por essa resposta substancial e bíblica à questão e recomendo em especial que uma nova geração de cristãos e pastores leia e reflita sobre as verdades deste livro extraordinário.

Dr. Jack Graham, *pastor da Igreja Batista de Prestonwood, Plano, TX*

Sim, ainda podemos acreditar! Quando cremos no arrebatamento, isso aumenta em muito o nosso senso de urgência e nosso compromisso em fazer o evangelho avançar.

Dr. Ronnie Floyd, *presidente e CEO do Comitê Executivo da Southern Baptist Convention; ex-pastor sênior da Cross Church, AR*

Se você deseja passar da simples torcida por um arrebatamento pré-tribulacional para uma convicção sólida de sua realidade, então não poderia encontrar livro melhor do que *Ainda podemos acreditar no arrebatamento?* Escrito de forma clara e convincente, ele destaca as razões bíblicas, históricas e teológicas para acreditar nessa bendita esperança.

Dr. Michael Rydelnik, *professor de estudos judaicos e de Bíblia do Moody Bible Institute*

Hitchcock e Hindson conduzem-nos cuidadosamente pelos dados bíblicos, respondem às críticas populares da atualidade e ajudam-nos a dizer com confiança que “sim, ainda podemos acreditar no arrebatamento!”

Mike Fabarez, *pastor da Compass Bible Church, Aliso Viejo, CA; apresentador do Focal Point Radio Ministries*

Este livro oferece uma defesa justa e equilibrada para o pré-tribulacionismo dispensacionalista clássico. Qualquer pessoa interessada em entender corretamente essa posição se beneficiará desta obra.

Daniel L. Akin, *presidente do Southeastern Baptist Theological Seminary*

Com cuidado, Ed Hindson e Mark Hitchcock guiam-nos por tudo o que a Bíblia diz a respeito do que poderá ser o próximo grande evento do calendário profético de Deus. A igreja primitiva era animada e purificada por essa “bendita esperança”. Hoje, mais do que nunca, cada cristão e cada crítico deveriam considerar atentamente a mensagem simples e clara do que a Palavra de Deus tem a dizer sobre a doutrina do arrebatamento.

Jack Hibbs, *pastor sênior da Calvary Chapel Chino Hills, CA; apresentador do programa de rádio Real Life [Vida real]*

Abrindo caminho pela história, explorando as Escrituras e lançando fora os mal-entendidos, Mark e Ed revelam a uma nova geração de cristãos a base bíblica, a justificação histórica e o impacto prático da bendita esperança do retorno iminente de Jesus para buscar sua igreja no arrebatamento.

Philip De Courcy, *pastor da Kindred Community Church em Anaheim Hills, CA; professor de Bíblia no programa de rádio diário Know the Truth [Conheça a verdade]*

**AINDA
PODEMOS
ACREDITAR NO
ARREBATAMENTO?**

Uma defesa exegética, teológica e histórica
do arrebatamento pré-tribulacionista

**ED HINDSON &
MARK HITCHCOCK**

TRADUÇÃO
DORIS KÖRBER

1ª EDIÇÃO
2021



chamada

Can We Still Believe in the Rapture?

Copyright © 2017 by Ed Hindson and Mark Hitchcock

Published by Harvest House Publishers

Eugene, Oregon 97408

www.harvesthousepublishers.com

Todos os direitos reservados mundialmente para a língua portuguesa.

Copyright © 2020 por Chamada

1ª Edição – Novembro/2021

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Doris Körber*

Preparação: *Débora Steiger*

Revisão: *Josemar de Souza Pinto*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e*

Rômulo Spier do Nascimento

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc.

Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como NAA foram extraídas da Nova Almeida Atualizada (NAA), copyright © 2017 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NVT foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora, copyright © 2016 por Editora Mundo Cristão. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como BKJ foram extraídas da Bíblia Sagrada, Versão BKJ Fiel 1611, copyright © 2015 por BV Films Editora. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NTLH foram extraídas da Nova Tradução na Linguagem de Hoje®, copyright © 2000 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

H662 Hindson, Ed.
Ainda podemos acreditar no arrebatamento? : uma defesa exegética, teológica e histórica do arrebatamento pré-tribulacionista / Ed Hindson e Mark Hitchcock ; [tradução Doris Körber]. — 1. ed. — Porto Alegre : Chamada, 2021.
296 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-89505-14-3

1. Arrebatamento (Escatologia cristã) - Doutrina bíblica. 2. Tribulação (Escatologia cristã). 3. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 4. Bíblia - Profecias. 5. Segundo Advento. I. Hitchcock, Mark. II. Körber, Doris. III. Título.

CDD 236.9

*Para “todos os que amam a sua vinda” e aos
quais está “reservada a coroa da justiça”.*

2Timóteo 4.8

SUMÁRIO

Introdução: Objetivo deste livro	11
Capítulo 1: O arrebatamento sob ataque.....	13
Capítulo 2: Separando fatos de ficção.....	41
Capítulo 3: Arrebatamentos na Bíblia	61
Capítulo 4: Perspectivas sobre o arrebatamento - está mais que na hora.....	89
Capítulo 5: História da doutrina do arrebatamento.....	115
Capítulo 6: O arrebatamento e o retorno.....	147
Capítulo 7: Ajustando o foco no futuro.....	165
Capítulo 8: O arrebatamento é iminente?.....	181
Capítulo 9: Não destinados à ira.....	203
Capítulo 10: A necessidade de um intervalo entre o arrebatamento e o retorno.....	227
Capítulo 11: Será que realmente importa?.....	245
Capítulo 12: Você está pronto?	263
Apêndice: Cinquenta argumentos favoráveis ao pré-tribulacionismo.....	275
Bibliografia	283
Glossário	289

INTRODUÇÃO

OBJETIVO DESTE LIVRO

Um dos ensinamentos mais claros no Novo Testamento é a promessa do arrebatamento. Mesmo assim, essa continua sendo uma das questões mais debatidas na teologia cristã. Praticamente todas as denominações cristãs afirmam crer no retorno futuro de Jesus Cristo. No entanto, essa afirmação básica se desdobra em uma grande variedade de opiniões a respeito de quando e como Cristo voltará. Algumas delas chegam até a questionar o próprio conceito de se Cristo arrebatará os seus fiéis.

Nosso propósito ao escrever este livro é examinar a doutrina bíblica do arrebatamento, responder a objeções frequentemente levantadas contra ela e oferecer uma base sensata para o debate dentro do contexto da teologia evangélica. Na busca por alcançar esse objetivo, esforçamo-nos para usar um tom respeitoso e amável. Nossa esperança é encorajar uma abordagem positiva e atenta desse tema tantas vezes controverso. Nosso alvo é inspirar amor por Cristo, respeito por sua noiva e confiança na “bendita esperança” da sua volta (Tt 2.13).

Cooperamos a distância com a ajuda editorial de Dillon Burroughs e Michael W. Herbert. Nós dois fazemos parte do conselho executivo do Centro de Pesquisa Pré-Tribula-

cionalista, em Dallas, Texas. Também estamos ambos ativamente envolvidos no ministério e no ensino – Mark na Edmond Bible Church (em Edmond, Oklahoma) e no Dallas Theological Seminary, e Ed no programa televisivo *The King Is Coming* [O Rei está vindo] e na Liberty University. Nessas funções, presenciamos a esperança, a ajuda e a alegria que a mensagem do arrebatamento leva ao coração de cristãos em toda parte. É nossa oração que este estudo informe sua mente, abençoe seu coração e anime sua alma com um amor renovado por Cristo e um anseio por sua vinda.

Ed Hindson e Mark Hitchcock

CAPÍTULO 1

O ARREBATAMENTO SOB ATAQUE

O arrebatamento é uma fraude. Seja por prescrever um roteiro violento para Israel, seja para defender a sobrevivência nos Estados Unidos, essa teologia distorce a visão de Deus para o mundo.¹

BARBARA R. ROSSING, *THE RAPTURE EXPOSED*

É assim que começa um dos ataques mais populares ao pré-tribulacionismo dos últimos anos. Rossing, como muitos outros que defendem essa perspectiva, alega que a teoria pré-tribulacionista do arrebatamento alimenta o escapismo, substitui a pacificação pela glorificação da guerra e celebra a ira de Deus. Ela continua:

Essa teologia não é bíblica. Não somos arrebatados para fora do mundo, nem Deus o é. Não, Deus veio viver no mundo por meio de Jesus. Deus criou o mundo, Deus ama o mundo e Deus nunca abandonará o mundo!²

1 Barbara R. Rossing, *The Rapture Exposed* (Nova York: Basic Books, 2004), p. 1.

2 Ibid.

É muito difícil conciliar opiniões assim com a afirmação bíblica de que “a terra e o céu fugiram da sua presença, e não se encontrou lugar para eles” (Ap 20.11) porque “o primeiro céu e a primeira terra tinham passado” (Ap 21.1).

Outros acusam os defensores do pré-tribulacionismo de manifestarem discriminação racial. Hank Hanegraaff afirma:

A boa notícia para os judeus é que LaHaye acredita que, por causa de sua raça, eles têm direito divino ao território da Palestina. A má notícia é que, como resultado direto da crucificação de Cristo, os judeus do século XXI em breve morrerão em um Armagedom que fará o Holocausto nazista parecer inofensivo.³

Mais tarde, Hanegraaff acrescenta:

[A] teoria de dois povos de Deus tem consequências apavorantes não apenas para os judeus, mas também para árabes palestinos. [...] Ideias não bíblicas desse tipo colocam os cristãos sionistas na posição insustentável de aceitar a remoção de cristãos palestinos de sua terra natal a fim de facilitar uma ocupação baseada em incredulidade e raça.⁴

3 Hank Hanegraaff, *The Apocalypse Code* (Nashville: Thomas Nelson, 2007), p. xxi.

4 *Ibid.*, p. xxii.

Ao crer nessas críticas, cristãos que interpretam a Bíblia como incluindo um arrebatamento pré-tribulacional são pessoas não bíblicas, antissemitas e preocupadas com a própria sobrevivência, que têm uma visão distorcida de Deus, opõem-se a cuidar da criação divina e são racistas! Tudo isso por simplesmente acreditarem em algo que a Bíblia afirma com clareza – que “nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre” (1Ts 4.17).

POR QUE ESSA DIVISÃO?

Infelizmente, essas acusações vêm primariamente de cristãos, não de pessoas que declaram não ter qualquer filiação religiosa. Por que há tanta animosidade entre alguns cristãos no que diz respeito à vinda de Cristo?

Algumas das mais sonoras objeções à ideia do arrebatamento vêm de quem carece de um entendimento claro e exegeticamente fundamentado. Essas pessoas confundem-se facilmente diante de afirmações como “a palavra ‘arrebatamento’ não aparece na Bíblia”; “os cristãos sempre sofreram tribulação”; “antes de 1830, ninguém acreditava no arrebatamento pré-tribulacional”; “a Bíblia não fala de duas segundas vindas ou de duas últimas trombetas”.⁵

5 Para uma análise detalhada, veja Michael Bird, *Evangelical Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 2013), p. 288-297.

1. Aceitação ingênua

Cristãos de todo tipo tendem a, inicialmente, aceitar acriticamente qualquer ideia teológica que seja ensinada na comunidade eclesial dentro da qual chegaram à fé. Isso inclui uma ampla gama de crenças doutrinárias, inclusive relacionadas à escatologia. Algumas pessoas acreditam no arrebatamento simplesmente porque foi isso que aprenderam no começo de sua vida espiritual. A aceitação ingênua de qualquer doutrina deixa cristãos sinceros vulneráveis a objeções críticas à fé deles, às quais estão despreparados para responder.

2. Ignorância teológica

A verdade bíblica está ancorada em um contexto teológico extraído da Escritura. Sem uma compreensão adequada desse contexto, alguns cristãos mostram-se incoerentes em determinados elementos de sua fé. Aceitam ou rejeitam detalhes específicos da escatologia com pouco ou nenhum entendimento de um contexto bíblico e teológico. Consequentemente, muitos cristãos ficam confusos com elementos básicos de qualquer discussão séria a respeito das profecias bíblicas sobre o futuro.

3. Influência popular

Infelizmente, muitos evangélicos em geral são influenciados pelos pontos de vista de palestrantes, professores e escritores populares. Atraídos pelas ideias em geral de determinado professor conhecido, tendem a abraçar também a escatologia dele. Isso acontece com perspectivas proféticas

dos mais diversos tipos, não importando se o mestre em questão é David Jeremiah, John MacArthur, John Hagee, R. C. Sproul, John Piper ou Tim Keller.⁶

4. Perguntas inesperadas

Muitas pessoas lutam com dúvidas sobre a profecia bíblica levantadas por outros à sua volta. Essas perguntas podem abranger um amplo espectro: por que a palavra “arrebatamento” não aparece na Bíblia? O conceito do arrebatamento pré-tribulacional não é uma ideia relativamente nova? Se todos os cristãos são arrebatados *depois* da tribulação, quem vai povoar o reino milenar de Jesus? Se é verdade que a igreja substitui Israel, então o que acontece com a promessa de Deus de nunca se esquecer de Israel? Essas questões podem ser perturbadoras para quem não está familiarizado com as passagens proféticas das Escrituras e com a profecia bíblica em geral.

5. Desafios difíceis

Alguns fiéis abandonam qualquer tentativa de resolver os dilemas levantados durante o estudo da escatologia. Simplesmente concluem que “no fim, tudo vai dar certo”. Pelo fato de alguns detalhes interpretativos da escatologia se-

6 David Jeremiah, *Is This the End?* (Nashville: Thomas Nelson, 2016); John MacArthur, *Became the Time Is Near* (Chicago: Moody, 2007); John Hagee, *Final Dawn over Jerusalem* (Nashville: Thomas Nelson, 1998); R. C. Sproul, *The Last Days According to Jesus* (Grand Rapids: Baker, 1998); John Piper, “Bible Prophecy”, *Desiring God*. Disponível em: <http://www.desiringgod.org/topics/bible-prophecy/all>; D. A. Carson e Tim Keller, eds., *The Gospel as Center* (Wheaton, IL: Crossway, 2012).

rem realmente difíceis, até mesmo alguns pastores não se dispõem a fazer o trabalho duro de procurar a resposta para eles.

6. Mudança de paradigma

Ao serem confrontadas com perguntas para as quais estão despreparadas, algumas pessoas exageram em sua reação e executam uma total mudança de paradigma em seu pensamento. Em vez de formular uma compreensão exegética clara do texto bíblico, simplesmente adotam a perspectiva oposta. Desafiados por algumas perguntas para as quais não encontram resposta, acriticamente presumem que o ponto de vista oposto deve estar correto. Com demasiada frequência, as pessoas fazem isso sem considerar todas as ramificações da nova ideia adotada.

7. Respostas hostis

Sempre que alguém muda drasticamente de perspectiva teológica, surge a grande tentação de demonizar o ponto de vista que defendia antes, condenando-o com palavras duras e hostis. Dessa forma, ex-católicos, ex-carismáticos, ex-batistas ou ex-presbiterianos muitas vezes se transformam nos críticos mais severos do respectivo grupo ou ensino. O mesmo vale para a escatologia. Quem antes defendia uma visão pré-tribulacionista do arrebatamento muitas vezes torna-se praticamente cheio de ódio em sua rejeição àquele ponto de vista – até o ponto de referir-se com amargo sarcasmo ao arrebatamento em si, a despeito do fato de ele ser claramente ensinado na Bíblia. Todas as perspectivas es-

catológicas (exceto o preterismo pleno) acreditam que haverá arrebatamento dos cristãos vivos e simultaneamente a ressurreição dos cristãos já falecidos. A única diferença real entre as teorias é a questão do *momento* do arrebatamento.

Com demasiada frequência, as discussões sobre escatologia levantam mais animosidade do que clareza. Manifestações de raiva, reações pejorativas e comentários irados impedem qualquer interação séria entre defensores de pontos de vista opostos. A zombaria ridiculariza e condena, e passa longe de melhorar a situação. A intenção de alguns é desacreditar em vez de informar. Fazem observações horríveis e afrontosas a respeito das crenças de outros irmãos e, assim, são reprovados no teste de amar ao próximo como Cristo amou a igreja (cf. Ef 5.25).

Na realidade, todos os cristãos verdadeiros acreditam que, no final de tudo, Deus vencerá! Os pré-tribulacionistas acreditam que ele vencerá ao arrebatando a igreja, converter Israel, condenar o mundo, cumprir as promessas do milênio e dar início à eternidade. As outras perspectivas escatológicas enxergam mais ou menos os mesmos resultados, mas chegam a eles por rotas muito diferentes. Por exemplo: meso e pós-tribulacionistas acreditam que Deus preservará a igreja durante a tribulação (ou parte dela) e que só depois ocorrerá o arrebatamento e outros eventos escatológicos. Os pós-milenaristas acreditam que a igreja é o “Israel” convertido e que está estabelecendo o milênio já

agora. Amilenaristas creem que tudo isso acontecerá majoritariamente no sentido espiritual, no fim da era da igreja, precedendo assim a eternidade.

Cada ponto de vista escatológico contém elementos da verdade, mas aplica-os de forma diferente. Pré-tribulacionistas insistem que os cristãos precisam estar preparados, pois Jesus pode voltar a qualquer momento. Meso e pós-tribulacionistas insistem que os cristãos precisam estar preparados para, se necessário, sofrer por sua fé até a volta de Jesus. Pós-milenaristas insistem que temos a responsabilidade de transformar o mundo enquanto estivermos nele. Amilenaristas nos lembram que o céu é o nosso destino supremo. Cada uma dessas preocupações é bíblica, prática e parte vital do cristianismo evangélico.

Na nossa era de crescente informação, muitas vezes quem fala mais alto é quem recebe mais atenção. Dos debates políticos aos vídeos que viralizam, os meios de comunicação gritam mais mensagens do que nas gerações passadas. No que diz respeito aos pontos de vista sobre os últimos tempos, várias vozes “novas” popularizaram ataques barulhentos – e às vezes ousados – contra a perspectiva pré-tribulacionista, como parte da promoção de sua própria “marca” ou de seus ensinamentos escatológicos. Uma rápida busca na internet sobre “arrebatamento pré-tribulacional”, por exemplo, retornará muitos resultados do tipo: “Por que o arrebatamento pré-tribulacional é um engano”, ou: “A falsa doutrina do arrebatamento pré-tribulacionista”.

ATAQUES À PERSPECTIVA DO ARREBATAMENTO PRÉ-TRIBULACIONISTA

Encontrar informações sobre esse tema não é um problema; o problema está em descobrir qual informação é útil para a discussão. Obras acadêmicas e populares revelam quatro áreas em que os ataques à perspectiva do arrebatamento pré-tribulacionista se mostram mais comuns:

1. Não há arrebatamento (algum dia, Jesus restaurará tudo, mas não mediante um arrebatamento específico).
2. A perspectiva preterista (o “arrebatamento” ocorreu durante o século I).
3. A perspectiva minimalista (o arrebatamento virá, mas não sabemos quando).
4. A perspectiva pós-tribulacionista/Nova Reforma (um arrebatamento no fim da tribulação).

Vamos analisar cada um desses quatro argumentos a fim de discutir seus pontos fortes e fracos.

A perspectiva de que “não há arrebatamento”

Eu (Ed) escutava um amigo, pastor amilenarista, pregando um sermão sobre a segunda vinda. Ele concluiu com as palavras: “E assim vemos que nunca haverá um arrebatamento. Tudo o que podemos esperar é dificuldade, dificuldade e mais dificuldade!”. A congregação gemeu audivelmente. Fui tentado a me levantar de um salto e gritar: “Consolem-se uns aos outros com essas palavras” (veja 1Ts 4.18). Depois do culto, lembrei-o de que é necessário que haja

um momento em que os mortos serão ressuscitados e os vivos, “arrebatados” (o arrebatamento). Nós simplesmente discordamos em relação ao *momento* do evento, mas não em relação ao *fato* de que ele acontecerá.

A despeito do claro ensino bíblico – em que Jesus diz: “E, quando eu for e preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver” (Jo 14.3) –, muitos dos que não acreditam em um arrebatamento pré-tribulacional presumem que não haverá então nenhum arrebatamento. Esse ponto de vista, muito defendido no Reino Unido, é bem representado pelo estudioso britânico do Novo Testamento N. T. Wright. Conhecido por seus livros tanto acadêmicos quanto populares sobre Jesus, ele observou, em um artigo intitulado “Farewell to the Rapture” [Adeus ao arrebatamento]:

A obsessão americana com a segunda vinda de Jesus – especialmente com interpretações distorcidas a respeito dela – continua inabalável. Visto do meu lado do Atlântico, o sucesso fenomenal dos livros da série *Deixados Para Trás* é intrigante, até bizarro. Poucos no Reino Unido defendem a crença na qual se baseia essa popular série: que haverá um “arrebatamento” literal, no qual os cristãos serão carregados para o céu, deixando carros vazios que se envolvem em acidentes nas rodovias e crianças voltando da escola e descobrindo que seus pais foram levados para estar com Jesus, enquanto elas mesmas foram “deixadas para trás”. Essa versão pseudoteológica

de *Esqueceram de mim* já impeliu muitas crianças a, por puro medo, adotar algum tipo de fé (distorcida).⁷

Ele continua com um breve comentário que oferece uma perspectiva alternativa para o fim dos tempos, propondo: “O Novo Testamento, construindo sobre a antiga profecia bíblica, prevê que o Deus Criador criará novos céus e nova terra, afirmando a bondade da antiga criação, mas superando sua mortalidade e corruptibilidade”.⁸

Passagens sobre o arrebatamento, como 1 Tessalonicenses 4.13-18, limitam-se a tomar por empréstimo metáforas do Antigo Testamento para falar da transformação que os crentes experimentarão no fim dos tempos. Além disso, Wright enfatiza que Jesus não falou de sua volta em termos tão vívidos, mas sugere que apenas Paulo fez isso.⁹ No entanto, Paulo declara expressamente: “Dizemos a vocês, pela palavra do Senhor” (v. 15)!

O retorno de Jesus serve de alicerce para a fé cristã. As primeiras declarações cristãs, como por exemplo o Credo Niceno, apresentaram um foco bem limitado em relação ao fim dos tempos, mencionando crer na “ressurreição dos mortos e a vida do mundo vindouro”.¹⁰ No entanto, há muito tempo a igreja já tinha o entendimento de que um dia Jesus voltaria a este mundo, conforme prometeu em

7 N. T. Wright, “Farewell to the Rapture”, *Bible Review*, ago. 2001. Disponível em: <http://ntwrightpage.com/2016/07/12/farewell-to-the-rapture/>.

8 Ibid.

9 N. T. Wright, *Jesus and the Victory of God* (Filadélfia: Fortress, 1996).

10 Da conclusão do Credo Niceno.

João 14.1-3. Os crentes com frequência discutem a respeito do momento de sua vinda para arrebatá-lo ou levar seu povo para estar com ele, mas todos concordam que as Escrituras ensinam que ele *vai* voltar.

Um dos escritos cristãos mais antigos, fora o Novo Testamento, é *A Didaquê*, uma palavra grega que significa “ensinos”. *A Didaquê* inclui uma compilação das doutrinas da igreja primitiva, e muito provavelmente foi escrita entre os anos 70 e 180. Sobre o futuro, diz o seguinte: “Vigiem sua vida pessoal; não deixem que ‘suas candeias’ se apaguem e não se deixem apanhar desprevenidos; mas ‘estejam prontos’, pois ‘você não sabem o dia em que virá o seu Senhor’”.¹¹ Embora não seja explicitamente pré-tribulacionista, a passagem claramente afirma um ponto de vista em que o Senhor pode retornar a qualquer momento.

Além disso, de que outra forma os leitores deveriam entender as palavras de Paulo sobre esse “mistério” futuro de que “nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados” (1Co 15.51-52)? O fim dos tempos abrange mais do que uma restauração de todas as coisas – ele inclui a transformação dos cristãos que estiverem vivos na terra no momento da vinda de Cristo.

11 “A Didaquê” 16.1, *Pais apostólicos*, trad. Almiro Pisetta (São Paulo: Mundo Cristão, 2017), p. 130.

A perspectiva preterista

O ponto de vista preterista defende que a maior parte das principais passagens proféticas do Novo Testamento, se não todas, se cumpriram no século I. Seus adeptos dividem-se entre preteristas plenos e preteristas parciais. Preteristas plenos afirmam que *todas* as profecias do Novo Testamento já se cumpriram, incluindo a segunda vinda e a ressurreição dos cristãos. Poucos seguem essa vertente específica do preterismo.¹²

Normalmente, quando alguém diz seguir o ponto de vista do preterismo, essa pessoa refere-se ao preterismo *parcial*. R. C. Sproul, um conhecido defensor dessa teoria, diz que ela “situa muitos ou todos os eventos escatológicos no passado, em especial durante a destruição de Jerusalém em 70 d.C.”.¹³ Isso inclui a crença de que as profecias sobre a vinda de Jesus nas nuvens se referiam à destruição de Jerusalém no século I, de que Nero era a besta de Apocalipse e de que a ímpia “Babilônia” da escatologia na realidade era Jerusalém.¹⁴

A maior parte dos seguidores dessa perspectiva também argumenta que o livro de Apocalipse teria sido escrito na década de 60 em vez de na data tradicional de 95 d.C. Des-

12 Cf. Max King, *The Cross and the Parousia of Christ* (Warren, OH: Writing and Research Ministry, 1987); e Stuart Russell, *The Parousia* (Grand Rapids: Baker, 1983). Estranhamente, preteristas com frequência sugerem que tenha havido um arrebatamento espiritual ou despercebido (“secreto”) no ano 70 d.C.! Cf. R. C. Sproul, *The Last Days According to Jesus* (Grand Rapids: Baker, 1998), p. 167.

13 Sproul, *The Last Days According to Jesus*, p. 228.

14 Kenneth Gentry, *The Beast of Revelation* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1989).

sa forma, seria mais fácil associar as profecias de Apocalipse aos eventos do século I que aconteceram poucos anos depois. No entanto, os melhores estudos continuam a apoiar a teoria tradicional de uma data mais tardia para a escrita de Apocalipse, um fato que acarreta consequências negativas graves para quem tenta justificar uma perspectiva preterista.

Hanegraaff também defende um ponto de vista preterista, que influenciou sua popular obra *The Apocalypse Code* [O código de Apocalipse], assim como a série de romances *The Last Disciple* [O último discípulo]. No entanto, muitos dos conceitos ensinados por essa teoria caem por terra se Apocalipse tiver sido escrito depois do ano 70. Em uma resenha sobre os livros de Hanegraaff, Norman Geisler observa:

... como até mesmo o preterista parcial Kenneth Gentry admite, há “forte testemunho externo” de que João escreveu [Apocalipse] depois do ano 70, durante o reinado de Domiciano (81-96 d.C.). De fato, a testemunha mais antiga (Ireneu) conhecia Policarpo (séc. I), discípulo do apóstolo João. Com ele, temos uma série ininterrupta de primeiros pais que afirmavam que João escreveu depois do ano 70, incluindo Ireneu (séc. II), Vitorino (séc. III) e Eusébio (séc. IV). É impossível exagerar a importância disso. A datação mais antiga de João não destrói a perspectiva futurista (de que a tribulação acontece depois de 70 d.C.). No entanto, a datação tardia inviabiliza totalmente a tese preterista, uma vez que, escrito depois do

ano 70, [o texto de Apocalipse] se refere à tribulação como um evento futuro.¹⁵

Os argumentos, tanto populares quanto acadêmicos que sugerem que o arrebatamento e demais eventos associados ocorreram no século I depois de Cristo enfrentam dificuldades quando avaliados à luz de fatos históricos. Embora Jesus tenha falado de eventos proféticos que aconteceram próximos ao seu tempo de vida na terra, ele também mencionou profecias ainda não cumpridas, que até hoje demandam investigação por parte dos leitores: o evangelho “pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações”; um tempo de grande tribulação, pior do que qualquer outra coisa que o mundo jamais experimentou; o sinal do Filho do Homem vindo nas nuvens com poder e glória; a reunião de todas as nações da terra para o juízo (Mt 24.14,21,30; 25.31-32).

A perspectiva minimalista

O ponto de vista minimalista refere-se à ideia crescente entre muitos cristãos evangélicos de que Jesus voltará um dia, mas que não sabemos quando isso será. Alguns ainda reforçam que é *impossível* saber o momento, argumentando que nem mesmo Jesus conhecia dia ou hora (Mt 24.36). Com

15 Norman Geisler, “A Review of Hank Hanegraaff’s Book, *The Apocalypse Code*”. Disponível em: <http://normangeisler.com/a-review-of-hanegraaff-apocalypse-code/>. Cf. tb. Mark Hitchcock, “Revelation, Date of”, *Popular Encyclopedia of Bible Prophecy*, ed. Tim LaHaye e Ed Hindson (Eugene, OR: Harvest House, 2004), p. 336-339.

freqüência, as pessoas recorrem a essa posição em decorrência de tentativas frustradas de estabelecer uma data para o arrebatamento ou de identificar o Anticristo.

O ponto fraco dessa perspectiva não é sua inexatidão, mas sua falta de preocupação com os ensinamentos bíblicos claros a respeito dos tempos finais. Pense só na grande parcela de textos bíblicos de natureza profética. Dos 31.124 versículos da Bíblia, 8.352 incluem previsões. Isto equivale a 27% de toda a Bíblia! No Novo Testamento, um de cada 30 versículos tem relação com eventos futuros. Se mais de um quarto das Escrituras aborda o futuro, os cristãos deveriam demonstrar um alto grau de interesse em entender melhor o que essas passagens dizem e como se aplicam aos nossos dias.

Há três razões primárias para que as pessoas adotem essa posição minimalista. Em primeiro lugar, cansaram-se dos muitos livros proféticos, filmes ou outras mídias cujo conteúdo destina-se a provocar medo. O desejo de “sentir-se bem” e concentrar-se em assuntos positivos levou muitas das igrejas atuais a negligenciarem o estudo da profecia bíblica. Por quererem enfatizar apenas os pontos positivos do evangelho, evitam o que equivocadamente percebem como sendo a mensagem negativa da profecia bíblica.

Em segundo lugar, os minimalistas querem evitar controvérsias. Como o estudo das profecias muitas vezes inclui debates sobre as diversas perspectivas a respeito do fim dos tempos, um número crescente de cristãos evangélicos simplesmente evita discutir o assunto, para não ter de enfrentar as polêmicas.

Em terceiro lugar, para algumas pessoas, as questões deste mundo (Mt 13.22) adquiriram prioridade sobre a busca por maturidade espiritual. Isso inclui aqueles a quem se referem as palavras de 2Timóteo 4.3-4: “Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo cocceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos”. Crescimento espiritual muitas vezes é difícil, assim como o estudo da profecia. No entanto, as Escrituras nos encorajam a estudá-las, para que nos tornemos aprovados (2Tm 2.15). Romanos 12.2 desafia os cristãos: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente”. As profecias bíblicas não foram registradas para nos *amedrontar*, mas para nos *preparar* para a volta do Senhor.

Um estudo do Pew Research Center [Centro de Pesquisa Pew] sobre os pontos de vista dos cristãos estadunidenses sobre a volta de Jesus fez algumas descobertas interessantes. Em primeiro lugar, 47% dos entrevistados concordam com a crença de que Jesus “definitiva” ou “provavelmente” retornará à terra nos próximos quarenta anos. No entanto, outro dado surpreendente é que 14% disseram não saber se Jesus voltará nesse prazo, enquanto 38% disseram que Jesus “definitiva” ou “provavelmente” não retornará durante os próximos quarenta anos.¹⁶ Mais da metade dos cristãos

16 “Life in 2050: Amazing Science, Familiar Threats”, *The Pew Research Center*, 22 jun. 2010, p. 14-16. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/4/legacy-pdf/625.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

estadunidenses (que se autoidentificam como cristãos, nem todos americanos) não sabem ou não acreditam que Jesus voltará em breve. As ações dessas perspectivas americanas muitas vezes se refletem nos pontos de vista sobre o fim dos tempos, com cada vez mais pessoas simplesmente não interessadas na volta de Jesus ou no momento em que ela pode acontecer.

A perspectiva pós-tribulacionista repopularizada

Em geral, a perspectiva pós-tribulacionista afirma que a segunda vinda de Jesus acontece no fim dos sete anos de tribulação. No entanto, cada vez mais estudiosos que não defendem um período literal de sete anos para a tribulação preferem agora chamar essa posição de “pré-milenarismo histórico”.¹⁷ Esse ponto de vista com frequência enfatiza o fato de que os crentes em Cristo permanecerão na terra durante períodos de grande perturbação e juízo. Embora essa teoria frequentemente tenha tido seus defensores, dois fatores contribuíram para aumentar a popularidade da perspectiva pós-tribulacionista em anos recentes.

Em primeiro lugar, cada vez mais cristãos se sentem perseguidos. Há organizações que acompanham os países em que há perseguição aos cristãos. Em 2016, os Estados Unidos apareceram nessa lista pela primeira vez.¹⁸ Na última

17 Cf. Bird, *Evangelical Theology*, p. 291-300. Veja tb. Alan Bundy e Benjamin Merkle, *Understanding Prophecy* (Grand Rapids: Kregel, 2015), p. 257-260.

18 Stoyan Zaimov, “12 Worst Christian Persecution Nations; US Makes List for First Time”, *ChristianPost.com*, 4 jan. 2017. Disponível em: <http://www.christianpost.com/news/12-worst-christian-persecution-nations->

década, a quantidade de processos judiciais, casos jurídicos e manchetes envolvendo questões relacionadas à liberdade religiosa cresceu exponencialmente. Associada à perseguição intensificada aos cristãos em outras regiões, como no norte da África e no Oriente Médio, muitos cristãos pensam que possivelmente já estaríamos enfrentando a perseguição anunciada para os últimos dias.

O segundo fato é o ressurgimento crescente da teologia reformada em círculos evangélicos. Tanto instituições reformadas tradicionais quanto crenças reformadas em outros grupos denominacionais aumentaram nos últimos anos, talvez alcançando seu ponto alto em 2017, por ocasião dos quinhentos anos da Reforma Protestante. Ainda que muitas das doutrinas defendidas pela Reforma Protestante e seus teólogos sejam benéficas para a igreja, algumas pessoas adotam o sistema teológico reformado como um todo, sem uma análise cuidadosa de suas partes. Em outras palavras, quem aceita crenças reformadas sobre soteriologia (a doutrina da salvação) muitas vezes também aceita a escatologia reformada sem questionamentos.

Essa perspectiva tornou-se mais popular por causa da influência de alguns mestres evangélicos muito conhecidos. Al Mohler e John Piper, por exemplo, moldaram o pensamento de muitos cristãos conservadores. A popular *Teologia sistemática* de Wayne Grudem, usada em muitas faculdades e seminários cristãos, apresentou muitos estudantes a

-us-makes-list-for-first-time-172551/. O relatório em si está disponível em: <http://www.persecution.org/persecutionnl/201701/ICC%202016%20Hall%20of%20Shame%20Report.pdf>.

essa perspectiva, enquanto Mike Bickle influenciou muitos cristãos carismáticos.¹⁹

EQUÍVOCOS COMUNS

Até mesmo estudiosos cuidadosos, com suas críticas sobre determinadas perspectivas do arrebatamento, contribuíram para espalhar equívocos. Isso vale para todas as perspectivas escatológicas. Pré-tribulacionistas são acusados de cultivar uma mentalidade escapista que atrai quem não está disposto a sofrer por sua fé.²⁰ Pós-tribulacionistas são severamente repreendidos como “preparadores” que se escondem à espera da tribulação. Pós-milenaristas são considerados sonhadores ingênuos e desligados da realidade. Amilenaristas são vistos como tão focados no céu que não servem para nada aqui na terra.

Cada um desses equívocos baseia-se em mitos populares que circulam entre os cristãos em geral. Eles nascem de más interpretações flagrantes do ensino bíblico. Por exemplo: algumas pessoas realmente pensavam que, se Hillary Clinton vencesse a eleição presidencial em 2016, ela passaria a perseguir os cristãos e abrir o caminho para a tribulação. Outros especularam que, se ela vencesse, o arrebatamento teria de acontecer imediatamente. Ainda outros questiona-

19 Mike Bickle, *God's Answer to the Growing Crisis* (Lake Mary, FL: Charisma House, 2016).

20 Gary Burge, “Why I’m not a Christian Zionist, Academically Speaking”. Disponível em: <http://www.christianzionism.org/article.burge02.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2014.

ram se haveria alguma possibilidade de que Donald Trump fosse a “última trombeta”²¹!

Muitas vezes, “lendas urbanas” escatológicas (*escatomania* ou *escatofobia*) brotam de tentativas de associar eventos atuais a profecias bíblicas. Diversos estudiosos sérios já admitiram que se fecharam à profecia bíblica por causa de especulações infundadas que não se realizaram. Por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial, o Japão foi frequentemente considerado como o “exército do oriente” (veja Ap 9.14-19). Mais tarde, popularistas sugeriram que este seria a China. Durante a época da Guerra Fria, muitos viam a Rússia como a perpetradora da guerra no Oriente Médio – uma ideia que recentemente está renascendo. Com o crescimento do extremismo islâmico, há quem sugira que o Anticristo será muçulmano. Frequentemente, candidatos à presidência dos Estados Unidos são tidos como Anticristos em potencial.

O ARREBATAMENTO SERIA UMA TÁTICA DE AMEDRONTAMENTO?

Há quem diga que promover a crença de que Jesus pode retornar a qualquer momento é uma tática para amedrontar as pessoas. Alguns chegam até mesmo a chamar essa abordagem de abuso espiritual, classificando qualquer apelo evangelístico que exerça forte pressão sobre os ouvintes de resultado direto da perspectiva do arrebatamento pré-tribulacional. Especulações sobre acidentes de carro e

21 A palavra “trump” pode significar “trombeta” em inglês. (N. T.)

avião em decorrência do arrebatamento de seus motoristas e pilotos são usadas para criticar esse ponto de vista, ainda que, na realidade, todos esses problemas sejam esperados independentemente do momento histórico em que a pessoa acredita que haverá o arrebatamento. Mesmo que ele aconteça no fim dos tempos, ninguém pode presumir que naquele momento todas as pessoas estejam com os dois pés plantados no chão.

No entanto, a questão não é se a pessoa fica apavorada com alguma perspectiva escatológica específica, mas se esta é, em última análise, verdadeira. Norman Geisler sugere: “*Primeiro*, não há nada de errado em ser motivado pelo medo se ele for baseado na realidade. [...] *Segundo*, a maioria dos argumentos em favor do pré-tribulacionismo não se baseiam no medo. *Terceiro*, o mau uso não deslegitima o uso apropriado. Isto é, mesmo que alguns argumentos sejam usados de forma incorreta [...] isso não invalida o uso apropriado daquele argumento específico nem do pré-tribulacionismo em geral”.²²

Com demasiada frequência, as pessoas refutam determinados pontos de vista escatológicos apresentando uma série de objeções conhecidas como argumentos do espantinho. A “falácia do espantinho” é uma versão intencionalmente enfraquecida, distorcida, exagerada ou falsa do argumento do oponente, criada para facilitar os ataques a ele. Conse-

22 Norman Geisler, *Systematic Theology* (Mineápolis: Bethany House, 2005), 4:633.

quentemente, o crítico não “enxerga” o que não quer ver – mesmo que esteja claramente manifesto.

Neste livro, analisaremos provas abundantes em favor da perspectiva pré-tribulacionista do arrebatamento. Embora a profecia bíblica revele informações que nos dão bons motivos para ficarmos preocupados com o futuro que aguarda o nosso mundo, isso também pode ter um efeito tremendamente positivo.

OS EFEITOS POSITIVOS DO ENSINO DO ARREBATAMENTO PRÉ-TRIBULACIONISTA

O falecido Tim LaHaye gostava de destacar que, “historicamente, a crença no retorno iminente de Cristo produziu três efeitos vitais nos cristãos e em suas igrejas”.²³ Ele registra os seguintes resultados positivos e benéficos da perspectiva do arrebatamento pré-tribulacionista:

1. Ela produz vida santa em uma sociedade corrompida

Acreditar que Jesus pode voltar a qualquer momento certamente pode inspirar a pessoa a cultivar um grau maior de prestação de contas em sua vida. E não é exatamente isso que as Escrituras ensinam? Ao escrever a alguns anciãos da igreja em sua primeira carta, Pedro disse: “Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória” (1Pe 5.4). Nos versículos 6 e 7, ele acres-

23 Tim LaHaye, *Who Will Face the Tribulation?* (Eugene, OR: Harvest House, 2003), p. 19.

centa: “Portanto, humilhem-se debaixo da poderosa mão de Deus, para que ele os exalte no tempo devido. Lancem sobre ele toda a sua ansiedade, porque ele tem cuidado de vocês”. Cristãos são chamados a se humilharem e esperarem pelas recompensas que receberão no futuro, quando Jesus, nosso “Supremo Pastor”, aparecer.

Em 1João 3.3, também encontramos menção ao aparecimento de Jesus: “Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro”. A expectativa do crente em estar com Cristo, seja no arrebatamento, seja pela morte, justificadamente causa nele o desejo de viver de forma pura e santa.

Deveríamos ficar mais preocupados com o cristianismo indolente e morno que não leva a sério a possibilidade de Cristo voltar logo (2Pe 3.3-4). Devemos ser santos como ele é santo (1Pe 1.15). Além disso, 2Pedro 3.10-11 acrescenta uma pergunta retórica muito apropriada sobre a santidade do cristão à vista da volta iminente de Cristo: “O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada. Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa”.

2. Ela produz uma igreja evangelística

A igreja primitiva era uma comunidade evangelística. No dia em que nasceu, 3 mil pessoas foram acrescentadas a ela (At 2.41). O primeiro resumo escrito sobre a igreja em

Jerusalém observa que o Senhor acrescentava a ela *diariamente* os que iam sendo salvos (At 2.47).

Quem crê que Jesus arrebatará os fiéis para estarem com ele – e que ele pode fazer isso a qualquer momento – sente-se fortemente motivado a compartilhar sua fé com familiares, amigos e quem mais puder alcançar. Alguns dizem que isso é um ponto fraco da perspectiva pré-tribulacionista, mas o fato é que a Bíblia ordena a todos os cristãos que evangelizem. Independentemente de defendermos ou não o ponto de vista pré-tribulacionista, somos chamados a compartilhar Cristo com todas as pessoas. Devemos seguir o exemplo de Paulo, manifestado em sua declaração: “Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16).

3. Ela encoraja os cristãos a desenvolver amor por missões mundiais

Além de produzir uma igreja evangelística, a crença de que Jesus pode voltar a qualquer momento encoraja a adotar uma atitude de amor pelo ministério missionário mundial. Observe as últimas palavras de Jesus Cristo aqui na terra: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28.19-20).

É possível que haja uma forte correlação entre a atividade missionária do século I e o movimento missionário global do século XX. Em ambos os contextos, a consciência

crescente de que Jesus poderia voltar a qualquer momento levou muitas pessoas a viajar a fim de compartilhar as boas-novas de Cristo. E quem não pode viajar apoia quem pode.

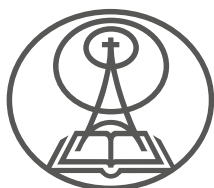
Norman Geisler observa:

Quando a pessoa acredita que seu tempo é limitado e que Cristo pode aparecer a qualquer momento, ela terá um senso maior de urgência em relação ao evangelismo. É claro que isso não significa que não há senso de urgência em outras perspectivas, uma vez que todos nós morreremos, e alguns podem morrer a qualquer momento. Mas a urgência é muito maior quando a pessoa acredita que pode estar o tempo todo diante de sua última oportunidade para alcançar alguém. Não é coincidência que tantos movimentos missionários modernos (William Carey, David Livingstone e Adoniram Judson) e esforços evangelísticos (Billy Sunday, D. L. Moody e Billy Graham) tenham sido liderados por pré-milenaristas.²⁴

Poderíamos acrescentar a essa lista pastores pré-tribulacionistas proeminentes como David Jeremiah, John MacArthur, Charles Stanley, Tony Evans, Jack Graham, Robert Jeffress, Chuck Swindoll, Philip De Courcy, Johnny Hunt, Ronnie Floyd, Donald Perkins, Chuck Smith, Jack Hibbs, Skip Heitzig, Mike Fabarez e Greg Laurie.

24 Norman Geisler, "Why Hold to a Pre-Mill View?". Disponível em: <http://normangeisler.com/category/premillennialism/>.

Os ataques ao arrebatamento estão aumentando em intensidade e quantidade. Em *Ainda podemos acreditar no arrebatamento?*, ajudaremos você a entender as falácias inerentes a esses ataques, apresentar informações úteis das melhores pesquisas contemporâneas e explicar o que a Palavra de Deus ensina sobre esse assunto. Você também descobrirá os benefícios de viver com a perspectiva bíblica de que Cristo pode voltar a qualquer dia – até mesmo hoje!



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

FICÇÃO CRISTÃ... OU VERDADE BÍBLICA?

Hoje, a esperança de que todos os cristãos da terra serão “arreatados” ao céu está sendo desafiada e criticada de muitas formas. O arrebatamento realmente é ensinado na Bíblia? Podemos realmente esperar que Jesus reunirá seus seguidores antes que o Anticristo seja revelado?

Nesta defesa bem fundamentada e completa, os estudiosos Ed Hindson e Mark Hitchcock examinam o conceito, o contexto e as consequências do importante e tão esperado evento conhecido como arrebatamento. Tenha a resposta a perguntas como...

- O que é o arrebatamento – há precedente histórico para ele?
- Por que certos cristãos se opõem à ideia do arrebatamento?
- O momento do arrebatamento realmente faz alguma diferença?

À medida que examina o que a Escritura diz sobre o fim dos tempos, você terá um vislumbre mais grandioso do seu futuro glorioso e da esperança profunda de cada seguidor de Jesus.



chamada.com.br